



Aula Inaugural da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, 17 de março de 2011)

Inaugural Class of Postgraduate Education, Federal University of Rio Grande do Norte (Natal, March 17th, 2011)

246

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na abertura do ano letivo de 2011.1, teve a honra de contar com a presença do editor José Xavier Cortez, proferindo a aula inaugural do semestre letivo em 17 de março de 2011. Por que o Programa o convidou, se esse procedimento é, geralmente, uma atividade exercida por um acadêmico? O editor José Cortez é uma referência na história da Pós-Graduação em Educação da UFRN. Nas décadas de 1980 e 1990, quando os primeiros professores iniciaram a saída para realizar seus estudos pós-graduados, geralmente em São Paulo, Cortez representou o ancoradouro de todos eles. Como desdobramento dessas atividades pós-graduadas, o Departamento de Educação criou a Revista Educação em Questão, em 18 de abril de 1986, que, até hoje, é um dos veículos de maior divulgação da produção acadêmico-científica da Área de Educação. O editor José Cortez nos apoiou desde o primeiro instante procedendo à distribuição da Revista. Por tudo o que representa para nós da UFRN e para os professores-pesquisadores das regiões Norte e Nordeste, e, principalmente, como símbolo de um nordestino que se deslocou para o sul do Brasil, conseguindo sucesso e destaque numa área intelectual que é a editoração de livros, o Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) decidiu por esta homenagem. A Cortez, o nosso mais profundo reconhecimento. Estamos publicando, nesta seção da Revista Educação em Questão, a conferência proferida pelo Editor José Cortez e a conferência do vereador George Câmara, autor do projeto que concedeu o título de cidadão natalense ao nosso Cortez.

Marlúcia Menezes de Paiva
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação



Agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação na pessoa da Professora Marlúcia Paiva

José Xavier Cortez

Proferir uma aula inaugural é um momento muito significativo e de grande responsabilidade.

Essa responsabilidade não está associada somente ao brilho dessa efeméride. Está relacionada ao compromisso que cada cidadão assume quando é chamado a ocupar, ainda que, por um instante apenas, o posto de professor.

Eis-me, portanto, diante de um grande desafio.

Nos cânones acadêmicos, as aulas inaugurais não são eventos destinados a ensinar; são eventos, antes de tudo, projetados para recordar.

São momentos em que o cotidiano da academia se aquieta para convidar alguém a compartilhar aspectos que a vida acadêmica não, necessariamente, precisa apreender, mas sim, aspectos que não devem ser esquecidos.

Se esta aula inaugural, singelamente deve pontuar o que não podemos esquecer, apresento-me para falar do livro e da leitura porque ambos fizeram da minha jornada uma trajetória repleta de momentos inesquecíveis.

Ser editor e livreiro numa megalópole como São Paulo proporcionou-me a rica experiência da partilha e da convivência uma vez que tive a oportunidade de conviver e acolher muitos nordestinos e não nordestinos.

Recebi aqueles que, como eu, se deslocaram para São Paulo. Estes, porém, saíram para que pudessem regressar à terra natal como mestres, como doutores, como pesquisadores reconhecidos por suas credenciais intelectuais.

A rica convivência que a acolhida proporciona tanto para quem acolhe, como para quem é acolhido, gerou, para todos nós, laços indissolúveis, entretecidos com os fios das palavras que fizemos circular e que minha história de editor ajudou a publicar.

A sede intelectual que deslocou tantos para São Paulo resultou na publicação de muitos livros.

Posso afirmar, por isso, que esta aula inaugural, em certo sentido, já começou há anos, já se desenrola há décadas, pois todos os que repartiam comigo as expectativas de suas buscas estavam, na realidade, depositando



saberes que o Editor recebe para que com suas publicações possa zelar por tudo aquilo que não se pode esquecer, por tudo aquilo que é preciso lembrar.

Afirmar, há pouco, que receber, conviver, compartilhar, acolher, escutar, ler e publicar são verbos que se conjugam em minha trajetória na companhia de muitos professores e intelectuais que buscaram a consolidação da pesquisa no mesmo território de sonhos e desafios em que eu me construía como pessoa e como editor. A vida nos aproximou, os livros permitiram que não nos separássemos mais.

Quantas dessas pesquisas, dessas descobertas, dessas novas análises foram publicadas não somente em nossos livros, mas também nos periódicos acadêmicos produzidos pela Cortez como a Revista Educação & Sociedade, como os Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, como a Revista Serviço Social & Sociedade e fizeram, por isso, de nossa Editora um portal de divulgação do que se produzia nesse processo que, ao final, pelo poder da palavra impressa, encurtava distâncias geográficas porque ajudava a superar todas as fronteiras.

Minha memória emocional, portanto, neste momento, está povoada de professores e autores que à sua maneira, viveram também a experiência do deslocamento.

E quero me valer desta oportunidade para destacar um aspecto de enorme valor.

A maioria expressiva dos autores da Cortez Editora são também reconhecidos professores, cada qual engajado na fascinante tarefa de fazer um país novo no maior laboratório de transformação social que temos: a sala de aula.

Cada um desses autores e professores, amigos queridos, tornaram-se também partícipes de nossa causa que ostenta a bandeira da valorização do magistério e do compromisso com a formação docente – marcas indeléveis da Cortez Editora.

Mas a riqueza desta hora também se dirige àqueles que são a razão de ser do trabalho docente.

Saúdo os estudantes aqui presentes como quem divide o júbilo com pessoas igualmente vitoriosas, pois são personagens do melhor cenário educacional que nosso país constituiu: a universidade pública.



Por isso, ao mesmo tempo que os saúdo, divido com todos a certeza de que temos um compromisso para com a sociedade brasileira. Aos cidadãos brasileiros, especialmente aos mais necessitados, devemos devolver com trabalho e dedicação aquilo que nos foi concedido em nome do conhecimento e da cultura: o privilégio da educação pública de qualidade.

Não tenho dúvida de que todos os jovens aqui presentes vivem agora os melhores momentos de suas vidas. Assim como não tenho dúvida de que, no futuro, viverão seus momentos de maior comprometimento.

Este é um momento ímpar que me oferece a generosa oportunidade de agradecer:

- aos muitos autores da Cortez Editora cujas obras fizeram de nossa casa editorial uma referência;
- aos muitos leitores que produziram a circulação das ideias que defendemos e dos saberes que proporcionamos;
- aos muitos amigos e amigas sem os quais essa jornada não teria o brilho que teve;
- aos nordestinos, e, em particular, o povo potiguar, com quem nunca deixei de conviver e sempre tive o prazer de acolher e amparar.

Todas as pessoas a quem respeitosamente me dirijo foram, são e serão leitores, condição privilegiada neste nosso país. Agradecer aos leitores é, com certeza, pontuar com mais clareza o que não se pode esquecer, pois com a leitura celebramos o ponto de encontro entre gerações, promovemos o enlace entre passado, presente e futuro.

Se agradeço aos leitores é porque estou aqui para apresentar o lugar proeminente que a leitura e o livro adquiriram em minha trajetória vitoriosa.

Caríssimas amigas, caríssimos amigos:

George Câmara

Receber o título de Cidadão Natalense tem especial significado para mim.



Minha memória afetiva conserva esta linda cidade como marco divisor da minha saga em direção ao mundo dos livros.

Para cá cheguei quando empreendi a saída do sertão. Daqui, saí quando deixei meu Estado. E foi, nesta cidade, que vi o mar pela primeira vez.

Por isso, este momento é também uma ocasião de profundo encontro com memórias genuínas, de um tempo que se tornou para mim uma marca indelével.

Como esquecer os momentos inaugurais dessa jornada?

Ainda me vejo adolescente aportando nessa cidade, acompanhado de uma prima: a Dalva.

Muitos jovens de hoje em dia não saberiam o que é um "Misto". Mas nós viajávamos nele, que era um veículo metade ônibus, metade caminhão.

Vínhamos no misto que passava às 10 horas da manhã pela estrada de rodagem que margeava o nosso sítio.

Lembro-me da imensa alegria que senti quando, pela primeira vez, pude me acomodar ao lado da minha prima na boleia, após viajar cerca de 40 quilômetros na carroceria. O misto tinha duas boleias, além da do motorista: a boleia era um lugar confortável e privilegiado naquele veículo que transportava passageiros e pequenas cargas.

Estar em Natal, permanecer nessa cidade, significava mudar de universo.

Natal se afigurava como fascinante novidade, e dessa novidade todos queriam saber quando eu regressava para rever familiares, amigos e amores.

Tornei-me o primeiro sertanejo, matuto, saído da redondeza que conhecera Natal e, em relação à expectativa de todos, tinha muito o que dizer, pois minhas palavras povoavam o imaginário daquelas pessoas com as imagens de grandeza da cidade e, principalmente, com a imensidão do mar.

Num cenário inesquecível, lá em casa à noite, no alpendre que se deixava iluminar pelo luar ou na sala de jantar sob a luz das lamparinas, meus amigos, primos, irmãos mais velhos como Antonio, Luiz, Santa pediam que eu descrevesse, a meu modo, tudo o que havia testemunhado.

As perguntas ainda reverberam em minha memória. Lembro-me da singela expectativa de todos que supunham que eu pudesse explicar o mar, em



sua exuberância infinita. Era difícil, pois nós crescemos ao lado dos açudes, portanto, ao lado da escassez de água.

Talvez, todos nós retirantes nordestinos, poeticamente ainda estejamos tentando responder à pergunta que, naquelas noites, aquelas pessoas queridas me faziam: “Onde fica a parede daquela imensidão de água?”

Por isso, posso afirmar, com convicção, que se eu saí dessa cidade para realizar meus sonhos, no entanto, ela, por sua vez, jamais saiu de mim. Nesses anos todos, os “ponteiros” da minha bússola, que sempre apontam para o nordeste, têm Natal como o ponto de chegada. Tornou-se meu roteiro obrigatório para voltar ao meu lugar de nascimento.

Mas, em verdade, daqui nunca arredei os pés.

Natal recebeu-me muito jovem, com 17 anos apenas. Procurava construir minha vida. Inicialmente, cogitei a Aeronáutica, mas a vida tornou-me marinheiro antes de me instalar definitivamente na cidade de São Paulo, onde estou até hoje, há 45 anos.

Antes de seguir para Escola de Aprendizes Marinheiros do Recife, vivenciei a cidade de Natal por cerca de 10 meses. Obtendo, com a venda de frutas pequenos rendimentos para minhas despesas pessoais, fiz de um pequeno balaio o veículo imaginário para percorrer as ruas da cidade.

Quem percorre cotidianamente uma cidade torna-se parte dela.

Assim, a busca pelo ganha-pão me fez conhecer seus encantos, suas personagens, e sei que, até hoje, a Rua Jaguarari conserva a casa da família que me acolheu.

Naquele contexto, ainda não poderia supor que a escrita, os livros e os autores transformariam minha vida como transformaram.

Era como se estivesse me nutrindo de uma seiva cultural que enraizaria em mim as características que fazem do homem nordestino alguém sempre preparado para o mundo.

Quem se nutre dessa seiva não vive um dia sequer sem expressar de alguma forma algo de sua raiz.

Agora me vejo aqui, nessa situação singular que me enche de alegria e orgulho.

Sou acolhido novamente para receber desta cidade a honraria mais preciosa. Sou chamado a somar, sou chamado a tornar-me natalense.



Se hoje meu trabalho diz respeito ao universo da palavra, posso, por um instante, valer-me dela para brincar.

Assim, percebo que sou chamado a tornar-me aquilo que, no fundo, já sou. Sou convocado a ostentar no peito uma medalha que já figura em meu coração.

Tornar-me um cidadão natalense, apenas vem formalizar todo sentimento de admiração e afeto que possuo por esta cidade e por sua gente.

E Natal é, de fato, admirável.

É admirável por seu crescimento, que pude observar quando era seu habitante (quando aqui vivi, havia “apenas” 150 mil habitantes), e que pude confirmar durante as muitas visitas que fiz posteriormente.

Natal, hoje, com cerca de 800 mil habitantes, tornou-se significativo polo econômico, com especial destaque para o Turismo: proporcionado por suas inigualáveis belezas naturais, seus habitantes esperam que esta seja uma atividade consciente e não predatória.

Tornou-se, também, referência cultural para o nosso país, e para o mundo.

252

Por isso, acumulou amplo reconhecimento e não apenas dos que a conheceram de perto como eu, mas também em todo o país, pois conquistou posição de destaque no cenário nacional e internacional.

Podemos afirmar que a história intelectual do país também deve muito a Natal.

Hoje, me orgulho de ter muitos autores natalenses fazendo parte das linhas editoriais da Cortez Editora, dando contribuição significativa através de suas pesquisas para o avanço do saber científico, e para o enriquecimento cultural de nossa nação.

E toda a comunidade acadêmica do país reconhece que o repertório de temas e autores da Cortez Editora é garantia de um saber comprometido com a transformação de nossa sociedade.

O compromisso com a transformação é também um compromisso com a própria história.

O saber e os livros, tal qual estão consolidados em muitos capítulos de minha vida, têm sempre palavras que me remetem aos tempos em que Natal ajudou a forjar-me como homem, e como profissional do universo dos



livros: a experiência de viver em uma grande cidade, após passar os primeiros anos de minha vida no Sertão, foi de fundamental importância para que meus horizontes se expandissem. Novas oportunidades e conhecimentos aqui adquiridos colaboraram para que meus caminhos me fizessem não só um editor reconhecido, mas também uma pessoa que percebe na gratidão uma virtude, e que hoje tem a oportunidade de agradecer e retribuir por tudo que aqui me foi proporcionado.

Recordo-me que o verbo acolher permeou essa história, uma vez que, já em São Paulo, tive a oportunidade de conviver e acolher muitos “retirantes intelectuais”, nordestinos ou não, que se deslocaram para o grande centro para realizar seus estudos, num contexto em que eram escassos os cursos de pós-graduação no Nordeste. Escassez que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte ajudou decisivamente a superar.

A sede intelectual que conduziu a tantos para o lugar onde me estabeleci resultou também na publicação de muitos livros.

Cada um desses livros publicados demonstra o quanto este momento de reconhecimento que posso experimentar agora teve início na convivência com tantos conterrâneos lá em São Paulo, que repartiam comigo as expectativas de suas buscas.

Receber, conviver, compartilhar, acolher, escutar, ler e publicar são verbos que se conjugam em minha trajetória na companhia de muitos professores e intelectuais, alguns aqui presentes, que buscaram a consolidação da pesquisa no mesmo território de sonhos e desafios em que eu me construía, como pessoa e como editor. A vida nos aproximou, os livros permitiram que não nos separássemos mais.

Agora, estou aqui, diante deste público seletivo e poderei, doravante, me lembrar com emoção desta hora em que tão belo presente me foi concedido.

Agradeço aos presentes por esta homenagem, em especial ao vereador George Câmara e aos demais vereadores que me concederam esta honra inestimável, e a todos os cidadãos e todas as cidadãs natalenses que ajudaram a construir sua história, e que tão bem recebem aqueles que a visitam, aos que a ela retornam, e aos que dela se tornam filhos orgulhosos.

Muito obrigado.